

O ENSINO DO ESPORTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 5º ANO

Ms. LIEGE MONIQUE FILGUEIRAS SILVA

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Doutoranda em Educação pela Universidade
Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dra. KARENINE DE OLIVEIRA PORPINO

Doutora em Educação pela Universidade Federal
do Rio Grande do Norte (UFRN)
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo | Compreendemos o esporte como um dos fenômenos mais expressivos no âmbito da cultura de movimento. Dessa forma, descrevemos uma experiência pedagógica, tendo o esporte como conteúdo e a concepção de aulas abertas como norteadora didático-pedagógica. A experiência realizou-se em uma escola privada, da cidade de Natal, com uma turma do 5º ano, a partir de temas geradores. Com a duração de seis aulas, ocorreu durante o 3º bimestre do ano letivo de 2008, tendo como fechamento da unidade a explanação temática das pesquisas dos alunos na Feira de Ciências da escola. A partir dessa experiência, foi possível observar a realização de um trabalho com a turma que contemplasse o conteúdo esporte numa perspectiva interdisciplinar, abrangendo a Educação Física e os demais componentes curriculares, com a participação maciça dos alunos e suas opiniões na construção das aulas.

Palavras-chave | Esporte; jogos olímpicos; aulas abertas.

O ESPORTE NA ESCOLA...

Com um olhar mais atento à relação Esporte e Educação Física, encontramos vários manuais que tratam dessa temática, instruindo e ensinando técnicas padronizadas de como se trabalhar o esporte na escola.

No entanto, observamos que, em sua maioria, os manuais esportivos oferecem “receitas pedagógicas” que desconsideram as subjetividades das crianças e, ainda, o contexto sociocultural em que elas estão inseridas. Dessa forma, o esporte é reduzido ao rendimento, moldado pelos padrões e técnicas dos profissionais, movimentos esses, distantes da realidade e das possibilidades dos alunos.

No que tange à presença do esporte na escola sobre esse viés, podemos considerar que “o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para a maioria” (KUNZ, 2003, p.125). O autor defende o conteúdo esporte na Educação Física escolar, no entanto alega a necessidade de uma transformação didático-pedagógica do esporte.

Sendo assim, enquanto componente curricular inserido na escola, a Educação Física deve oferecer o esporte para além das regras e dos gestos codificados, ou seja, o esporte sob uma perspectiva crítica, com gestos atribuídos de significados e uma reformulação dos sentidos conferidos à prática esportiva.

Nessa perspectiva, apostando na presença do esporte na escola inserido na cultura de movimento dos alunos, sob uma perspectiva crítica e criativa na construção coletiva das aulas e na autenticidade nas mais variadas formas de se movimentar, abordaremos o ensino do esporte na escola compreendendo-o não como atividade de reprodução gestual, rendimento e performance, mas como compromisso educacional¹.

Acreditamos que o esporte deve estar presente na escola, uma vez que, enquanto fenômeno da cultura de movimento de nossa sociedade, necessita de “uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos condições de entendê-lo e refletir sobre suas variadas possibilidades”. (BARROSO; DARIDO, 2006, p. 103)

Nesse sentido, considerando a cultura de movimento como referência conceitual para o critério organizador do conhecimento da Educação

1. Para aprofundar o conceito, consultar KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Unijuí-RS: Editora Unijuí, 2003.

Física, objetivamos, neste texto, descrever uma experiência pedagógica que tenha o esporte como conteúdo e a concepção de aulas abertas como norteadora didático-pedagógica.

ONDE TUDO COMEÇOU...

A experiência realizou-se no Centro Educacional Campos Oliveira – CECO, escola privada, situada no bairro das Quintas, em Natal, que trabalha com o Ensino Infantil e Fundamental (1º ao 7º ano). Em seu aspecto físico, é uma escola de médio porte, funcionando em dois turnos: matutino e vespertino.

As aulas de Educação Física ocorrem duas vezes por semana, em diversos espaços físicos, na própria escola, como, por exemplo, na piscina, nas salas de aulas, no pátio e na sala de vídeo. A escola não possui materiais apropriados para a realização das aulas, o que nos obrigou a buscar alternativas diversas para tal realização, haja vista que “as transformações devem ocorrer mesmo diante das insuficientes condições”. (KUNZ, 2003, p. 126)

Durante uma reunião pedagógica com a professora da turma e coordenadora pedagógica da escola, sentimos a necessidade de fazer um trabalho interdisciplinar, que fosse significativo para os alunos e que pudesse abranger a Educação Física e as demais disciplinas concomitantemente durante o bimestre.

Decidimos que a unidade da Educação Física dedicada ao esporte poderia ser trabalhada também nas demais disciplinas como possibilidade de refletir, discutir e pesquisar os seus elementos constitutivos.

A proposta, por sua vez, fundamentou-se na metodologia de ensino na Concepção de aulas abertas, pautada na obra *Concepções abertas no ensino da Educação Física*, dos autores Hildebrandt e Laging (1986). Nessa concepção, consideram-se as subjetividades, as singularidades, os conhecimentos e as experiências dos alunos em todo processo de ensino-aprendizagem, em outras palavras:

As concepções de ensino são abertas, quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p.15)

Nessa perspectiva, de acordo com os autores, os alunos participam efetivamente da construção do processo ensino-aprendizagem, enquanto o professor participa como mediador entre eles e o conhecimento, visando à resolução de problemas, baseando-se nas experiências anteriores trazidas por eles, tendo como características a não-diretividade.

O planejamento e a execução do ensino na concepção aberta são vistos como uma tarefa de todos, e não apenas do professor. Isso permite que o processo de ensino-aprendizagem não seja na direção do professor ao aluno, mas também entre os alunos, deles para o professor. Sendo assim, essa concepção prioriza a formação de indivíduo crítico e autônomo, capaz de tomar decisões conforme sua necessidade e desejo.

Os alunos envolvidos neste relato foram vinte e quatro, de ambos os sexos, do 5º ano, que se encontram na faixa etária de nove a onze anos. Essa experiência teve a duração de seis aulas e foi realizada durante o 3º bimestre do ano letivo de 2008, período em que eram exibidos os Jogos Olímpicos de Pequim nos meios de comunicação e em que a escola se preparava para realizar a Feira de Ciências², tendo os professores de Educação Física e dos demais componentes curriculares como orientadores dos trabalhos e das pesquisas a serem apresentados pelos alunos no evento.

No tocante ao processo avaliativo, reconhecemos que avaliar é um processo coletivo, acontecendo sempre que paramos para pensar no que foi feito. Dessa forma, Hildebrandt e Laging (1986) afirmam que a avaliação deve ser feita baseada no que aconteceu nas aulas, onde se reflete a prática esportiva, e não apenas no êxito da aprendizagem.

2. Feira de Ciências é um evento da escola e refere-se à exposição de pesquisas, trabalhos, experimentos científicos, apresentações de peças e vídeos elaborados pelos alunos, tendo como objetivo a culminância dos conteúdos estudados nos bimestres e/ou no ano letivo.

Pensando assim, a avaliação deu-se de forma contínua, em todo o bimestre, considerando a frequência nas aulas, as vivências, as discussões levantadas, as pesquisas realizadas e a apresentação dos trabalhos na Feira de Ciências.

Descrevemos e discutimos a seguir o trabalho realizado, considerando seus diversos momentos.

DESCREVENDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA...

1) Apresentamos aos alunos o conteúdo que seria desenvolvido em todas as disciplinas: o esporte. Propomos então a temática *Jogos Olímpicos*, muito evidente nos meios de comunicação nesse período.

Solicitamos que os alunos apresentassem o que sabiam a respeito da temática, por entendermos que eles trazem de sua experiência pessoal uma série de informações, tendo a escola o dever de promover a ampliação desses conhecimentos (BRASIL, 2000). Questionamos sobre o que eles sabiam e gostariam de saber sobre os Jogos Olímpicos, quais eram suas curiosidades em relação à temática.

Muitas foram as sugestões apresentadas pelos alunos, e concluímos com eles que os temas estudados seriam: *Modalidades Olímpicas e Origem dos Jogos Olímpicos*, além de dois outros propostos pela professora polivalente e por mim: *Sacrifícios do corpo no esporte e Cultura Chinesa*.

Para efeito de uma melhor exploração dos conteúdos, melhor reflexão e discussão destes, e ainda diante do curto período do bimestre, definimos que os temas *Modalidades Olímpicas e Sacrifícios do corpo no esporte* seriam trabalhados nas aulas de Educação Física, e *Origem dos Jogos e Cultura Chinesa*, trabalhados nas demais disciplinas. Diante disso, continuamos o relato de como foram as aulas que se seguiram.

2) No encontro seguinte, tendo como tema *Modalidades Olímpicas*, levei recortes de algumas modalidades olímpicas e interroguei os alunos: Quais eram aquelas modalidades? Eram conhecidas por eles? Quais delas tinham sido as primeiras a serem inseridas nos Jogos? Existiam

diferenças entre elas (pessoas, roupas, implementos, etc.)? Quais delas eles já tinham vivenciado? Quais delas gostariam de vivenciar durante as nossas aulas?

Desse modo, a intenção era que eles buscassem em suas experiências pessoais respostas para minhas indagações. Assim, as respostas foram construídas com eles.

Em relação às vivências, muitas foram as sugestões. Então, diante de todas, propus a escolha de duas modalidades, uma que fosse realizada coletivamente nos Jogos Olímpicos, e outra, individualmente. Escolheram respectivamente o futebol e o atletismo. Dessa maneira, solicitamos para a aula seguinte que eles trouxessem elementos diversos para jogar futebol que não fosse a bola tradicional.

3) Nessa aula, foram tomados como base os exemplos de aulas registrados nas obras de Hildebrandt e Laging (1986) sobre a concepção de Aulas Abertas, em que a utilização de materiais no princípio não se restringe ao material tido como oficial das modalidades, mas abrange os mais variados recursos, capazes de possibilitar diferentes formas de se movimentar.

Observei que eles trouxeram vários tipos de materiais, como, por exemplo, tampinhas de garrafa, latas amassadas, bola de papel, lápis, garrafa, copo descartável, tênis, etc. Inicialmente pedi que, livremente, a partir de suas singularidades, explorassem os materiais trazidos.

Nessa vivência, observei que todos só exploravam os materiais com os pés e no chão. Intervim, então, sugerindo que outras possibilidades de explorar os materiais fossem utilizadas, ocupando e explorando todo o espaço, bem como utilizando todo o corpo. Na sequência, solicitei que trocassem os materiais e continuassem com a exploração.

Na continuidade, deveriam compor duplas, para que os materiais fossem explorados de um para o outro. Nessa atividade, percebi que as duplas foram separadas em meninos e meninas. Propus, na sequência, que fizéssemos um jogo em dupla mista (meninos e meninas de mãos dadas), e logo de início surgiu uma resistência por parte de alguns, mas,

com muita insistência e dificuldade, conseguimos compor as duplas. Percebi, nessa aula, que a forte resistência para compor as duplas procedia sobretudo do preconceito culturalmente construído da mulher no esporte, especialmente no futebol.

Nesse sentido, Goellner (2003) afirma que a mulher, culturalmente convencionada à figura da mãe e da esposa, pautada pela imagem do sexo frágil, dócil e sublime, encontra no futebol um esporte de nível apurado de preparação física e técnica. Sendo assim, resiste a sua prática para não ferir o corpo, principalmente no que diz respeito à sua saúde reprodutiva e ao seu aspecto estético.

Pensando nesses aspectos, ao final, em círculo, discutimos a relação da mulher, tendo a intenção de desagregar o que culturalmente se convencionou como “esporte de meninos”. Discutimos, ainda, os elementos diversos que podem ser utilizados para jogar futebol, além da bola.

4) Na quarta aula, conforme sugestão anterior, vivenciamos o atletismo. Inicialmente, questionei o que sabiam sobre esse esporte. Para a maioria o atletismo foi considerado um esporte de correr. A partir disso, solicitei então que eles corressem como desejassem, ocupando todo o espaço. Observei que todos corriam da mesma maneira. Então, desafiei-os a criar outras formas de correr, em diferentes ritmos, utilizando todo o corpo em sentidos e direções variadas.

Sendo assim, a modalidade intitulada atletismo não foi o centro daquela aula e do ensino proposto, mas os movimentos dos alunos é que deram significado a ela. De acordo com Kunz (2003), para o atletismo vale o professor oportunizar experiências práticas do correr, no entanto, para ele, isso não tem nada a ver com o ensino técnico, moldado em padrões, mas com a compreensão do sentido e a descoberta de outros sentidos do esporte por meio da reflexão e do diálogo sobre essa prática.

Ao final, refletimos sobre as diversas possibilidades de correr para além do que é visto naquele esporte e ainda questionei suas opiniões acerca da aula. Percebi que, além de considerarem a aula diferente, adoraram correr de outras formas.

5) Na aula com o tema *Sacrifícios do corpo no esporte*, levei um recorte do texto de Melo (2003). A proposta era discutir acerca do corpo dos atletas no esporte, o doping e o esporte de alto rendimento. Fizemos um grande círculo para uma leitura conjunta. Na sequência, discutimos cada ponto proposto, e os alunos explanaram suas reflexões. Essa aula foi muito envolvente, pois as opiniões eram diversas, e a maioria desconhecia o sofrimento dos atletas.

Acredito, assim, ter contribuído com uma aprendizagem crítica, em que o esporte de alto rendimento pode ser apreciado, refletido e criticado. Como afirma Nóbrega (2005), o processo de ensino aprendizagem precisa ocorrer por meio de interação dialógica.

Na continuação, adiantamos que a aula seguinte seria na sala de vídeo e que apreciaríamos a cena da suíça Gabriele Andersen, citada no texto³.

6) Na sala de vídeo, observamos a cena da suíça Gabriele Andersen, descrita no texto. Após verem aquela cena, os alunos pediram para repetir, pois muitos achavam que ela era deficiente e que se tratava das Paraolimpíadas. Discutimos e refletimos acerca das glórias e dos riscos a que os atletas submetem seus corpos na prática esportiva de alto rendimento, inclusive no contexto do esporte olímpico.

Durantes os planejamentos coletivos, eu e a professora polivalente discutíamos como seriam as aulas, direcionando e apontando os aspectos unificadores dos temas geradores. Buscávamos aproximar os conteúdos e as disciplinas, tornando significativa a apropriação deles pelos alunos, sem perder de vista a especificidade dos conteúdos nas diferentes disciplinas escolares.

Dessa forma, enquanto nas aulas de Educação Física tratávamos dos temas relatados, concomitantemente a professora polivalente trabalhava os

3. “A suíça Gabriele Andersen revela para o mundo o que é, na realidade, esgotamento físico. Ao chegar em 37º lugar na maratona, seu corpo se contorcia numa nítida dificuldade de controle e coordenação motora; inclinada para o lado esquerdo, mostrava toda a perda do equilíbrio corporal, bem como a sua musculatura expressava toda uma fadiga, numa visível contratura em toda a extensão dos membros inferiores. A atleta cruza a linha de chegada a passos cambaleantes, e seu corpo desaba ao encontro do solo e dos fiscais de prova”. (MELO, 2003, p. 122-123)

demais, tendo em vista que eles são complementares e interdependentes. Portanto, contrapondo uma visão fragmentada dos conhecimentos, íamos articulando os conteúdos nas disciplinas a partir dos temas geradores, extraindo de cada um deles possibilidades para uma compreensão da totalidade.

Feito isso, propomos que a turma fosse dividida em quatro grupos. Cada grupo, por meio de sorteio, ficou com um tema a ser apresentado na Feira de Ciências.

Observamos que no tema *Modalidades Olímpicas* os alunos buscaram expor as diferentes modalidades que compõem os Jogos Olímpicos, apontando os critérios para uma modalidade se tornar olímpica, bem como os movimentos corporais que as configuram.

Em relação à *Origem dos Jogos Olímpicos*, a amostra deteve-se, em sua maioria, aos aspectos históricos, retomando por meio das maquetes os diversos lugares onde os jogos eram realizados, tendo como curiosidade os símbolos que compõem as olimpíadas, como, por exemplo, os aros, o lema, a tocha, o hino, a mascote, o juramento e as medalhas.

Quanto ao tema *Sacrifícios do corpo no esporte*, percebemos haver uma preocupação na problematização e reflexão acerca dos sacrifícios a que os atletas submetem seus corpos na busca por medalhas, bem como os aparatos tecnológicos que os envolvem e os perigos que eles podem conferir ao ser humano. Os alunos fizeram a exposição por meio de bonecos pintados, recortes de jornais, imagens de anabolizantes e de atletas machucados.

Já no tema *Cultura Chinesa*, a preocupação deteve-se em mostrar figuras dos homens e mulheres da China, as roupas utilizadas por eles, as comidas típicas, dentre outras características que configuram aquele país. Nesse tema, os alunos fizeram maquetes da muralha da China e dos principais locais da cidade sede onde os jogos eram realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa experiência, foi visível observar a participação maciça dos alunos nas aulas, especialmente porque o conteúdo proposto para

elas, além de ser amplamente exposto nos meios de comunicação naquele período, era também significativo para eles.

Do mesmo modo, observamos, também, que foi possível realizar um trabalho com a turma que contemplasse o conteúdo esporte numa perspectiva interdisciplinar, abrangendo a Educação Física e os demais componentes curriculares. E, ainda, que é possível a participação e a opinião dos alunos na construção das aulas. E, mesmo que nem todos opinassem, as aulas eram construídas com as ideias do grande grupo. Nesse sentido, embora ocorresse certa resistência à concepção de aulas abertas, haja vista alguns alunos quererem rapidamente as respostas e não demonstrarem muita paciência com os questionamentos e debates, acreditamos que essa escolha metodológica possibilitou ricos momentos de aprendizagem. Isso porque permitiu aos alunos opinar, criar e refletir, sendo eles “ponto de partida e, ao mesmo tempo, o ponto central das reflexões didáticas”. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p. 18)

Diante do exposto, não pretendemos oferecer modelos pedagógicos, haja vista a visão reducionista que tal ação pode trazer, bem como o fato do assunto abordado não se esgotar nestas poucas linhas, considerando a existência de outras possibilidades de ensino do esporte na Educação Física. Logo, retomamos uma experiência pedagógica para refletirmos sobre aspectos relevantes desse conteúdo, como possíveis formas de intervenção e trato pedagógico nas aulas de Educação Física a partir desse conteúdo.

Nesse sentido, pensamos ter contribuído para o debate, com diferentes olhares e novas reflexões para o Esporte, os Jogos Olímpicos e o Corpo no contexto da Educação Física, uma vez que, como notícia constante dentro e fora da escola, faz-se significativo para ser abordado sob o enfoque da apreciação e da discussão dos elementos e eventos que o envolvem (BRASIL, 2000). Assim, possibilitar um olhar crítico e reflexivo diante do fenômeno esportivo é um desafio constante para a Educação Física, tendo a certeza de que as sementes são lançadas, esperando, um dia, quem sabe, vê-las germinar!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Unijuí- RS: Editora Unijuí, 2003.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. Escola, Educação Física e Esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, São Paulo, v. 1, n. 4, p.101-114, dez. 2006.

HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Tradução Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MELO, José Pereira. Sacrifícios do corpo no esporte. In: LUCENA, R. F.; SOUZA, Edilson F. (Org.) *Educação Física Esporte e Sociedade*. Universitária: Editora da UFPB 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. O mundo vivido e a cultura elaborada: processos de conhecimento na Educação Física. In: Nóbrega, Terezinha Petrucia (Org.) *O ensino de Educação Física de 5ª a 8ª séries*. Paidéia, 2005.

Recebido: 17 junho 2011

Aprovado: 08 julho 2011

Endereço para correspondência:

Liege Monique Filgueiras Silva

Rua 25 de Março, 162

Quintas

Natal - RN

CEP 59035-310

silvaliege@yahoo.com.br